

A HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: PRÁTICAS E SABERES

Tatiana Polliana Pinto de Lima
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
E-mail: tatyalima@yahoo.com

Palavras-chave: Ensino de história. Ensino Fundamental. Professor. Metodologias.

A história tem sido uma disciplina alvo de muitos debates neste final de século XX e início de século XXI. Apesar de todas as discussões no sentido do professor-pesquisador, da construção de sua autonomia, bem como de uma história crítica e participativa, onde todos somos sujeitos desta, isto tudo não alcança os docentes multidisciplinares que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental. Este, portanto, é o objetivo deste trabalho: expor os conteúdos de história selecionados e de que forma são trabalhados metodologicamente pelos professores de algumas escolas municipais da cidade de Santo Antônio de Jesus no recôncavo baiano.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir da aplicação de questionários e observações feitas em sala de aula, no ano de 2008, junto a 15 professores atuantes em 6 escolas municipais da cidade a saber: Escola Municipal Luis Eduardo Magalhães, Escola Municipal Péricles Morais de Andrade, Creche-Escola Santa Madalena, Escola Municipalizada Antônio Fraga, Grupo Escolar Ernesto Geisel.

Inicialmente vale uma explicitação ao leitor do caminhar da pesquisa. Ora, esta pesquisa surge a partir de um Curso de Extensão ministrado por mim na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no ano de 2008 para os professores da rede municipal de Santo Antônio de Jesus intitulado “A Utilização de Novas Metodologias no Ensino de História nas Primeiras Séries do Ensino Fundamental”. Este visava discutir com professores das primeiras séries do ensino fundamental o ensino de história na atualidade; trazer as mais recentes metodologias para o ensino de história nas primeiras séries do ensino fundamental; propor atividades com a utilização de novas linguagens no ensino de história além de debater conteúdos e avaliação no ensino de história nas primeiras séries do ensino fundamental. O curso teve a participação de 54 docentes e durou dois meses (fevereiro a abril de 2008). Ao final fizemos uma avaliação e percebemos que a maior deficiência do professor era no tocante

aos conteúdos da área. Ou seja, comecei a indagar: qual a validade de se desenvolver um curso voltada para o debate de metodologias e avaliação se não há um embasamento teórico mínimo no tocante ao conhecimento da área?

A partir, então desta problemática central, resolvi desenvolver uma pesquisa objetivando identificar quais os conteúdos e de que forma a história estava sendo ministrada em sala de aula para as crianças das séries iniciais. A pesquisa se constituiu na aplicação de um questionário com perguntas que contemplava os seguintes eixos: identificação da formação em termos de ensino médio e formação superior; identificação profissional, conteúdos de história trabalhados nas séries onde leciona; como é feita a seleção dos conteúdos trabalhados, qual a metodologia escolhida para cada conteúdo; a utilização de recursos audiovisuais nas aulas de história; o interesse dos alunos pelos conteúdos e metodologias escolhidas; avaliação em história e como são realizadas. As observações eram realizadas nas aulas de história nas salas dos docentes que haviam respondido ao questionário que, conseqüentemente, se disponibilizavam em participar da pesquisa.

Ao fim, temos os seguintes dados, importantes para pensarmos a formação deste professor, o ensino de história e os processos de ensino-aprendizagem no espaço escolar. Dos quinze professores pesquisados, somente um não possuía formação em nível de magistério no ensino médio. Em nível de graduação, dois não estavam fazendo nenhum curso naquele momento e não possuíam nenhuma formação em nível superior, dois sinalizaram que estavam cursando o ensino superior sem identificar, contudo, qual o curso. Um estava cursando Psicologia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no campus de Santo Antônio de Jesus. Sete já haviam concluído a licenciatura plena em Pedagogia pela Rede UNEB 2000. Programa de Formação implementado pelo Governo do Estado da Bahia em finais dos anos 1990 e princípios dos anos 2000 visando formar professores dos mais diversos municípios em exercício, na área de Pedagogia. Um havia concluído Pedagogia em uma instituição de ensino particular: a Faculdade de Ciências Educacionais (FACE) na modalidade de Ensino à Distância e dois encontravam-se em formação nesta mesma faculdade.

Dez professores não eram concursados, trabalhando em regime de contrato para a prefeitura da cidade. Destes, somente três possuíam quarenta horas de trabalho e os demais 20 horas. Dos que possuíam vinte horas, todos lecionavam concomitantemente em escolas particulares. Já dos cinco concursados, três tinham quarenta horas e dois vinte horas. De todos os pesquisados, nove estavam lecionando há mais de dez anos (entre 11 e 24 anos), dois há oito anos e os demais entre um e quatro anos. Entretanto, dos que possuíam formação, já

concluída ou em andamento, em nível superior, todos a fizeram após o ano 2000 em currículos já pensados a partir de um pensamento pedagógico crítico, transformador.

Formaram-se ou estão se formando em um contexto em que o Brasil procurou consolidar as instituições políticas democráticas, fortalecendo os direitos da cidadania e participando da economia globalizada. Ampliou-se, portanto, o reconhecimento da importância da educação para a superação das desigualdades sociais. Desta forma, ensinar não era mais a única exigência posta para o profissional da área de educação. Cabia a ele, além disto, a produção, construção e socialização de conhecimentos. Essas habilidades deveriam permitir sua inserção no complexo cenário do mundo contemporâneo. Por isto esse profissional deveria possuir a função de participar, como docente, pesquisador e gestor no processo de formação de crianças, jovens, adultos e idosos.

O objeto de estudo e norteador de sua prática, assim, deveria ser o processo educativo, ou melhor, a educação como acontecimento dinâmico e cotidiano nos diversos espaços da prática social, cabendo à ação docente conferir significado e organicidade ao trabalho pedagógico. Contudo, não foi o que percebemos ao longo da pesquisa.

Um dos primeiros pontos observados foi que a disciplina, não possuía horários semanais regulares no currículo das escolas. Se, por um lado, podemos afirmar que isto permite uma flexibilização curricular. Por outro fazia com que os professores, escolhessem priorizar determinadas disciplinas em detrimento de outras. Dentre estas, língua portuguesa e matemática eram alvo das predileções dos docentes em virtude de serem consideradas mais importantes pelos mesmos. Esta situação chegou de tal maneira a ser perceptível, a ponto de alguns professores solicitarem que avisássemos com antecedência o dia e a semana em que iríamos estar presentes nas salas para que eles nos avisássemos se iria ocorrer aula de história. Em algumas semanas as aulas de história não aconteciam sob as mais variadas justificativas: o planejamento havia atrasado, não havia material disponível ou mesmo assumiam que não haviam preparado a aula.

Quando trabalhados, então, os conteúdos selecionados se dividiam entre uma história que partia da realidade da criança (família, o eu, profissões, meios de transporte, moradia, a escola, a comunidade, o espaço, ruas, bairros, história do município) e uma história baseada nas divisões tradicionais de conteúdo (datas comemorativas, expansão marítima, Brasil Colônia, Império, Brasil República). Todavia, em todas as observações e respostas dadas pelos entrevistados, as datas comemorativas estavam presentes. Alguns professores chegaram a afirmar que somente trabalhavam estas nas aulas de história. As principais eram o aniversário da cidade, permitindo a manutenção de uma história política nas escolas aos moldes conservadores, com a exaltação das estruturas governamentais e seus governantes (prefeitos, vereadores), o ainda chamado nas escolas de ensino fundamental “Descobrimento” do Brasil, páscoa, dia das mães e dia dos pais.

Somente um professor colocou como data comemorativa o Dia da Consciência Negra, atribuindo a importância de se trabalhar esta em virtude da obrigatoriedade, à época da Lei 10639 de 2003, que instituía a obrigatoriedade do ensino de história de África e dos afro-descendentes nas escolas públicas e privadas em todo o país. De forma geral, todos os conteúdos são relacionados à História do Brasil, apesar de na visão do professor quando se trabalha conteúdos voltados ao cotidiano das crianças, a aula desperta uma maior atenção.

Desta forma, estes docentes estavam ainda pendulando entre uma visão de ensino de história tradicional e uma mais atual. Encontravam-se entre uma preocupação com o estudo dos fatos históricos com um recorte político, baseando-se em uma história como produto da ação de indivíduos específicos e de heróis, estudando exclusivamente o passado e uma concepção de uma história onde todos os homens são partícipes dela, uma história feita a partir de concepções historiográficas várias, tais como a história social, econômica e cultural, uma história processo construída a partir da experiência dos sujeitos da história trabalhando temas como a história das mulheres, das crianças, dos movimentos sociais. Arrisco-me a dizer que a primeira concepção era a predominante no seio das escolas daquele município.

Quando indagados acerca das metodologias mais utilizadas nas aulas de história as respostas foram várias: levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, roda de conversa, aula explicativa com utilização de cartazes, leitura informativa, pesquisa, participativa com ordenação de tarefas a serem executadas pelos alunos, filmes, desenho livre, músicas. Apenas um docente informou que desconhecia metodologias de ensino de história.

Mas, será que de fato sabiam como desenvolver estas metodologias aplicando-as a cada conteúdo? Vejamos como se procedeu algumas aulas de história observadas. Esta foi uma aula de 4º. Ano cujo assunto foi O campo e a cidade. A professora havia solicitado em aula anterior que os alunos lessem o assunto no livro didático em casa. Para realizar a explicação foi solicitado aos discentes que fizessem a leitura dos parágrafos e, em seguida, explicassem o que haviam entendido para os colegas. Houve uma participação maior dos meninos neste momento. Eles apontaram diferenças entre a vida no campo e a vida na cidade, ressaltando que a qualidade de vida na cidade é melhor, porque nela há mais serviços para as pessoas como transporte, atendimento médico e escolas com maior qualidade. Um dos alunos que havia chegado recentemente da zona rural comentou que na escola onde ele estudava havia somente duas salas de aula para todos. Já outros alunos disseram que morar na zona rural era melhor pois tinha o rio para se banhar e frutas na árvore para pegar gratuitamente. Finalizando a discussão a docente comentou que ambas, a zona rural e a urbana, dependem uma da outra e pediu que os alunos parassem um momento e pensassem em que uma colabora com a outra. Eles, então, colocaram a questão da produção de alimentos e ferramentas que saíam da cidade para a zona rural.

Em uma outra sala, a professora falou do Dia das Crianças e do passeio que os alunos fizeram a um clube da cidade devido a aproximação desta data comemorativa. Depois pediu que os alunos desenhassem o que viram, o que mais haviam gostado. Contudo, não havia folhas de papel suficientes para todos. As que tinham foram divididas ao meio e os lápis de cor repartidos para a pintura dos desenhos. Com estes a professora montou um varal.

Ainda sobre as datas comemorativas, em uma sala de 2º. Ano com o tema O Dia do Professor a aula iniciou-se com a professora solicitando às crianças que falassem o nome das “tias” da escola. Ao fim ela comentou que estas eram professoras e que o dia dos professores estava chegando. Logo depois, questionou sobre o que era necessário para ser um bom professor. Os alunos responderam que educação, amor, paciência, força. A professora escreveu, então, qual era o Dia do Professor e pediu que os alunos dissessem uma coisa que gostariam de dar ao professor. Após as falas, as aulas foram encerradas.

Apesar de nos últimos vinte anos ter sido alvo de vários debates e discussões o uso de diferentes linguagens e fontes no ensino de história, de forma geral, temos ainda a predominância de uma metodologia pautada na repetição enfadonha dos conteúdos pelos alunos. Não são aulas que na sua essência dão condições ao aluno de participar do processo de fazer o conhecimento histórico, de construí-lo. O professor deveria ser o responsável por ensinar o aluno a valorizar e captar a diversidade das fontes e dos pontos de vista histórico, levando às crianças a reconstruírem por adução, o percurso da narrativa histórica. Deve-se lembrar que

a sala de aula não é apenas o espaço onde se transmitem informações, mas o espaço onde se estabelece uma relação em que interlocutores constroem significados e sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões, no qual se torna inseparável o significado da relação entre teoria e prática, entre ensino e pesquisa. Na sala de aula, evidenciam-se, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 31).

Importante se faz pensar a incorporação de diferentes linguagens no ensino de história reconhecendo “... não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem” (FONSECA, 2003, p. 164). Por outro lado, como exigir inovações se os professores nem sempre dispõem de recursos didáticos, tais como um filme, uma música, nem dos aparelhos necessários, nem papel, tintas, lápis de cor, etc. Materiais básicos inerentes atualmente no desenrolar de um ensino de história inovador. Esta é uma questão a qual ainda temos muito o que debater.

Fico ainda me indagando se esta permanência ainda em um ensino de uma história distante do aluno, da sua realidade, em uma história onde ele não tem voz, não possui o sentimento de pertença não se deve a uma formação plural ao extremo. Neste sentido, Selva Guimarães Fonseca afirma que

Hoje, coexiste, no Brasil, uma diversidade de formas de ensinar, aprender e formar professores para o ensino e a aprendizagem de História na educação básica. É interessante ressaltar que, num contexto de globalização e homogeneização curricular, se consolidou uma pluralidade de concepções teóricas, políticas, ideológicas e metodológicas. Os professores para a educação infantil e séries iniciais e finais do ensino fundamental são formados em Cursos de Pedagogia [...], em Cursos de História nas modalidades presencial, semipresencial, a distância, em serviço e outras (FONSECA, 2007, p. 150).

É algo ainda a ser explorado. Contudo, algo que afirmo é que não modificaremos o ensino de história enquanto não tivermos claro o seu papel formativo em todos os níveis. Isto implica pensar sobre a ação educativa da história enquanto um saber disciplinar fundamental na formação do homem, sujeito de uma sociedade desigual, marcada por diferenças e contradições diversas. Por fim, lutar por uma modificação no ensino de história não é somente propor mudanças curriculares e organizacionais, ou ainda de formação. Devem vir acompanhadas de lutas pela profissionalização docente, do não às “tias”, de melhorias significativas nas condições de trabalho e pela formação permanente entendendo que esta ocorre ao longo da trajetória de vida destes docentes.

Enfim, a pesquisa agora rumo para a próxima etapa que é a análise dos currículos das instituições formadoras dos docentes participantes da pesquisa.

Referências

BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história*. Campinas: Papirus, 2003.

_____. *Caminhos da história ensinada*. 7. ed. Campinas: Papirus, 1993.

_____. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o ensino de história na educação básica. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette

Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.